

## Série de uma Voz.

Marisa Pott

Refiro-me a um quadro porque foi o primeiro quadro para o qual olhei, e ao olhar consegui ver a essência e a magnitude de todo o trabalho. Vi todos quase ao mesmo tempo, mas o meu olhar fixou-se naquele. Havia uma espécie de vazio que me chamava a atenção. Automaticamente, tentei pensar numa pessoa que eu associasse ao quadro, mas não consegui. O que me surgiu foi antes, uma geração. De alguma maneira identifiquei-me, sem tentar perceber com o que me identificava. Mas reconheci os sintomas da inquietação da nossa geração, a força, e a confiança, aliados à coragem. Reconheci a força de quem quer ir mais longe: para um universo que ainda ninguém conhece, um universo branco ou incolor que nos é misterioso mas que está ali por descobrir. Reconheci a confiança na criatividade: a de quem acredita que não estamos parados, e bloqueados na capacidade de criar, nem no conhecimento. Uma confiança na possibilidade da evasão e no valor da criatividade benéfica que resulta dessa evasão. Reconheci também a coragem de uma geração que o quadro tão bem retrata. A coragem de andar para além, numa actualidade onde não se acredita que o mais longe só existe, não é bizarro, como é tão possível como o que já se tem por assumindo.

No quadro, como parece acontecer como uma geração inteira, essa coragem começa por se afirmar devagar, passo a passo, para evitar confrontos e choques, que acabem de vez com a força emergente. A partir da afirmação de pontos desenhados a negro num canto interior da tela, um canto em que ainda se escondem, começa a difundir-se vigorosamente uns sobre os outros, formando um cone que avança para uma nova descoberta. Neste prolongamento sente-se aumentar a força e a intensidade do quadro, tornando-o num quadro muito forte. Até que os mesmos pontos sossegam sobre vazios e linhas de equilíbrio. A formação em perspectiva afirma-se em arquitectura, que evoca o imaginário universal da ficção científica que nos marcou a adolescência. Relembrando-nos que somos uma geração em permanente evolução e crescimento, que transporta consigo o misticismo da existência da vida, que se expõe na eterna busca da compreensão do universo e do nosso desejo de criar.

Depois de olhar para o quadro ergui os olhos sobre uma tela grande. Nesse momento, vi essa mesma forma espalhada por toda a tela. De imensas partes, emergiam pontos escuros que se abriam para espaços claros. E se no primeiro quadro vi o olhar, o caminho e a coragem de um indivíduo, nessa tela grande vi uma geração inteira a falar ao mesmo tempo. Vi uma geração inteira a afirmar a sua confiança num só valor – a crença...Ou a capacidade de acreditar. A coragem e a força imprimem-se a preto, e a confiança emerge nos tons claros dos espaços vazios. E por baixo destas imagens, a base sobre a qual esta se constrói esconde-se o caos colorido do qual esta geração escapa traçando um caminho, que é no fundo a sua direcção. E desse caos do submundo, sobre o qual se imprime a força aguerrida do desenho, o pintor só se deixa emergir a cor azul. Talvez a cor da harmonia atingida. E no fim, em todos os quadros, existe uma e a mesma voz – Afinal, podemos ir mais longe.

Lisboa, 2003